

# O FLAUTISTA DE HAMELIN: EXPLORANDO A HISTÓRIA

---

Leila Mury Bergmann

Pós- Doutoranda Júnior em Educação – UFRGS

Maria das Graças Freitas da Rosa Pires

Especialista em Educação Infantil - UFRGS

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo explorar a história *O Flautista de Hamelin*. Para tanto, são apresentados aspectos sociais referentes à infância da época (provável) em que foi criado o conto, bem como algumas curiosidades a respeito do mesmo. Além disso, o texto traz um relato pessoal (das autoras) de uma atividade de contação de histórias em uma creche de uma escola pública de Porto Alegre a partir da versão do livro *O Flautista de Hamelin*, de Tatiana Belinky. Após perguntas e conversas informais sobre o conto, foram analisadas as exposições orais das crianças. Como suporte teórico, a pesquisa traz contribuições de estudos de autores ligados, principalmente, à área de Literatura Infantil e Educação. Constatou-se que a história do flautista motivou intervenções representativas, uma vez que durante a atividade de contação as crianças lançavam mão de aspectos típicos de sua cultura e mostravam, ainda, o domínio que tinham de ordenação temporal dos eventos do texto, bem como a criatividade que lhes é peculiar - em sua faixa etária - de recriarem na situação do chamado *faz-de-conta*.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Literatura Infantil; Contação de Histórias.

**Abstract:** This article's goal is to explore the story of The Pied Piper of Hamelin. In order to do so, social aspects of childhood in the (probable) time when the story was created are presented, as well as some curiosities about the text. Furthermore, this paper brings a personal statement (by the authors) of a storytelling activity in a public school nursery in Porto Alegre, based upon the version of the book *The Pied Piper of Hamelin*, by Tatiana Belinky. After some questions and informal conversation about the tale, the children's verbal expositions were analyzed. The research brings, as a theoretical background, contributions of studies from authors connected, mainly, to the field of Children's Literature and Education. It brought the conclusion that the piper's story motivated representative interventions, since during the storytelling activity children used typical aspects of their culture and also showed their dominium of temporal arrangement of the text's events, as well as their peculiar creativity – according to their age – of recreating in the situation of the so-called make-believe.

**Keywords:** Child Education; Child Literature; Storytelling Activity.

## Apresentação

O processo de mitificação mascara as motivações que levaram à *adaptação de contos de fadas* em diferentes contextos ao longo dos anos. Desde o surgimento como produto literário na Europa, no século XVII, o conto de fadas representou um diálogo contínuo com as tradições passadas e presentes. É a sua própria maleabilidade que o torna um elemento prototípico da herança cultural ocidental. É o seu potencial para transformações constantes e impulsos utópicos que cria sua força narrativa (CANTON, 1994, p. 59). [Grifo nosso].

A citação acima, somada à nossa prática como professoras em escolas de Educação Infantil, inspirou-nos a desenvolver o presente artigo<sup>1</sup>. Uma vasta experiência junto a crianças diante do processo escolar nos fez perceber que, através do texto literário (e mais especificamente, dos contos de fadas), é possível levá-las a desenvolver hábitos que lhes promovam uma percepção mais crítica de si mesmas, de seu mundo sócio-familiar e da sociedade como um todo.

Atuando como docentes em classes de Jardim B e desenvolvendo juntas (cada uma com sua turma de alunos) os mesmos projetos de leitura, recorriamos a vários livros buscando diversas adaptações dos conhecidos contos de fadas clássicos para apresentá-las às crianças. Quando não encontrávamos obras que contassem de maneira diferente a mesma história, nós a inventávamos, improvisávamos e acrescentávamos novos personagens à “versão original”.

Abrimos aqui um parêntese para esclarecer que o termo “versão original” refere-se à versão mais antiga e está entre aspas porque não se pode afirmar sua originalidade, uma vez que os contos de fadas foram constantemente transformados e escritos de diversas maneiras, narrados em línguas diferentes e moldados a partir de valores ideológicos particulares (CANTON, 1994).

Voltando à prática em sala de aula, a idéia era oportunizar e abrir espaço para que os alunos falassem, criassem e dessem os seus “apartes” quando, ao final das contações de histórias, elaborávamos perguntas sobre as narrativas. As respostas obtidas eram de certa forma também uma *releitura* dos contos de fadas, pois as crianças recriavam e analisavam o seu próprio cotidiano, bem como as relações sociais nas quais se inserem, a partir da fantasia e do imaginário.

---

<sup>1</sup> Este texto, com algumas modificações, originou-se de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) de Especialização em Educação Infantil, no PPGEDU (Programa de Pós-Graduação em Educação), da Universidade Federal do RS (UFRGS), em 2008.

Dentre os vários contos de fadas trabalhados em aula, *relidos* e explorados através de questionamentos, *O Flautista de Hamelin* merece registro. Acreditamos que a atividade mais relevante diz respeito ao desenvolvimento da expressão oral, por meio de conversas e de questionamentos, durante e após contar histórias. Esta atividade foi desenvolvida com alunos na faixa etária entre cinco e seis anos de idade, em uma escola da rede pública de ensino em Porto Alegre.

Assim, constatamos que essa atividade permite ao público infantil reviver suas alegrias, conflitos e medos, resolvendo-os e compensando-os ao imaginarem situações em que a realidade pode vir a se transformar naquilo que eles querem.

### **Aspectos sociais/infâncias da época**

A história do Flautista remonta à Idade Média; ela já havia, inclusive, atravessado séculos (e sofrido uma série de variações) quando os irmãos Grimm ouviram-na através do relato de uma camponesa, no início do século XIX<sup>2</sup>. A narrativa conta a história de uma cidade infestada de ratos e salva por um Flautista que, ferido pela ingratidão da população, a qual não lhe pagou a quantia combinada pelo serviço (de exterminar os ratos do lugar), hipnotizou todas as crianças da cidade com uma melodia, desaparecendo com elas para sempre. Lenda ou fato, essa história seduz leitores e autores até hoje, sendo contada e recontada de inúmeras formas. Provavelmente, a origem da narrativa tenha a ver com episódios em que algumas crianças, de alguma maneira (ou por vontade própria, ou mesmo atraídas por algo que lhes fosse sedutor), afastaram-se em bando de sua pequena cidade. Durante a Idade Média européia era comum que crianças desgarradas fossem raptadas e vendidas como escravas em portos distantes. De toda forma, esse tipo de narrativa fazia parte do imaginário popular da época, a ponto de episódios reais, sem registro histórico confiável numa sociedade basicamente oral, terem sido transfigurados em pequenas ficções e lendas<sup>3</sup>.

Conforme Lopes e Vasconcelos (2006), as crianças camponesas na Idade Média viviam em precárias condições, trabalhando como adultos os dias inteiros no cultivo da terra. Por isso, geralmente tais crianças eram subnutridas, pois se alimentavam apenas de uma mistura de pão e água, já que a comida era escassa. A baixa expectativa de vida - somada à alta taxa de mortalidade infantil - mantinha um equilíbrio de toda a população.

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2006/maio/03/cadernoatracoes/colunistas/erly.asp>.

Acesso em: 27/10/2007.

<sup>3</sup> Fonte: IDEM.

Dessa maneira, “para a maioria dos camponeses, a vida na aldeia era uma luta pela sobrevivência, e sobrevivência significava manter-se acima da linha que separava os pobres dos indigentes” (DARNTON, 1986, p.43).

Considerada um adulto em pequeno tamanho, a criança executava as mesmas atividades dos mais velhos, e a infância, nesta época, era vista apenas como um estado de transição para a vida adulta. O indivíduo só passava a existir quando podia participar da vida adulta. Não se dispensava um tratamento especial para as crianças, o que tornava sua sobrevivência difícil. Em condições tão precárias, muitas vezes, elas “eram também vendidas ou ‘soltas’ pelo mundo para buscarem sua própria sobrevivência” (LOPES e VASCONCELOS, 2006, p.117).

Assim, antes do século XVII, não havia a “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. Crianças e adultos trabalhavam, viviam e testemunhavam nascimentos, doenças e mortes conjuntamente da mesma maneira que participavam da vida pública (política) das festas, guerras, audiências, execuções, etc. (DORNELLES, 2005, p.24).

Importa ressaltar que alguns autores questionam as idéias desenvolvidas por Àries (1973) sobre a concepção *linear* da infância ao longo dos tempos. “Aliás, o próprio Àries afirma que o seu maior equívoco foi o de tentar encontrar a ‘origem absoluta’ da infância” (Idem, p.25). É possível que a pretensa universalidade, pressuposta no pensamento de Ariès para o *ser criança no mundo ocidental*, na verdade, esconda uma diferentes dimensões de infância que variam de localidade para localidade e constituem uma diversidade de marcas sociais.

Além disso, talvez seja mesmo precipitado afirmar que o primeiro sentimento de infância, (conforme os estudos de Philippe Àries), tenha efetivamente surgido na Europa, uma vez que pesquisas etnográficas demonstram que, fora deste continente, muitas comunidades já demarcavam um lugar diferenciado dos adultos para suas crianças.

Diante disso, pode-se problematizar e refletir a esse respeito, pois é possível que o conhecimento/entendimento construído sobre a infância seja apenas o das sociedades dominantes e o entendimento de todas as outras parta da aplicação somente desse modelo, sem o questionar, perpetuando-se assim a hegemonia de um padrão de criança ocidental e etnocêntrico. De toda forma, mesmo diante de várias críticas ao trabalho de Àries (e algumas até reconhecidas pelo autor), é impossível negar que ele “continua a ser, ainda hoje, o autor mais conhecido e citado no campo da história da infância” (DORNELLES, 2005, p. 27).

### **Um pouco de histórias sobre a história (do Flautista de Hamelin)...**

Antes de dar início a este próximo item, torna-se necessário pontuar algo fundamental sobre a materialidade dos enunciados que foram pesquisados e que serão aqui apresentados. A esse respeito, Fischer (1996) nos lembra que, ao analisarmos textos da mídia (entre eles destacam-se aqueles extraídos da internet), devemos ter claro que estaremos lidando, primeiramente, com um campo ainda novo, cuja característica fundamental é a de não se constituir de materiais considerados “legítimos”, como um *livro acadêmico*, por exemplo. Antes disso, trata-se de textos que pretendem atingir o maior número possível de pessoas. Segundo a autora, é justamente esse mesmo seu objetivo: “fazer circular amplamente discursos cuja origem também é difusa, múltipla e às vezes de difícil localização” (FISCHER, 1996, p. 123).

Conseqüentemente, e daí a importância de nos determos nesse tipo de material, a força das “versões de verdade” que circulam nos meios de comunicação são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar” (Idem, p. 124). Queremos dizer com isso que não há um “filtro”, digamos assim, ao clicarmos no *Google* e escrevermos o título ou assunto que desejamos pesquisar; ou seja, não há como exigir (neste tipo de material específico) veracidade das informações obtidas.

Contudo, é justamente por entender esses enunciados – que se multiplicam a cada dia em *sites* de busca como o *Google* – como produzidos a partir de entrelaçamentos de discursos mais amplos, que este item não tem como foco o questionamento acerca dos dados (se “verdadeiros” ou não) obtidos da internet em torno da narrativa do Flautista de Hamelin.

Feitas essas observações, apresentamos algumas histórias e curiosidades a respeito do conto, iniciando com o próprio instrumento sonoro “mágico” responsável pelo desaparecimento dos ratos (e depois, das crianças) da cidade:

- “*A lenda germânica do Flautista de Hamelin é um exemplo dessa atmosfera mágica que parecia envolver a gaita-de-fole, pois na verdade o Flautista de Hamelin tocava uma gaita- de-fole e não uma flauta*<sup>4</sup>;

---

<sup>4</sup> Fonte: [http://www.geocities.com/Nashville/Opry/2425/portuguese\\_gaitas.html](http://www.geocities.com/Nashville/Opry/2425/portuguese_gaitas.html). Acesso em: 19/10/2007.

- A história parece ter sido baseada num fato real, pois “*antigas inscrições nas paredes de algumas casas de Hamelin indicam que num dia de julho de 1284, um Flautista conduziu cerca de 130 crianças para fora da cidade e que eles se perderam em algum ponto das cercanias. Muitos acreditam que as crianças tenham sido raptadas, outros especulam que o misterioso Flautista estava na verdade recrutando jovens a fim de emigrar para a Europa Oriental*”<sup>5</sup>;

- A cidade de Hamelin, na Alemanha, apesar de possuir uma bela arquitetura medieval com lindas construções desta época, é conhecida e visitada por outro motivo: “*A popularidade mundial da cidade veio através do famoso conto dos Irmãos Grimm, O Flautista de Hamelin (...) o turismo existe mesmo em grande parte por causa da fama do popular conto, que todo domingo de verão é representado na cidade por atores locais nos lugares autênticos onde ele se passa, acompanhados por uma multidão de visitantes de todo o mundo*”<sup>6</sup>;

- O Flautista de Hamelin era um criminoso: “*a história do Flautista de Hamelin é baseada num caso verídico, de um psicopata e pedófilo que atrairia as crianças para as violentar e matar*”<sup>7</sup>;

- “*Hamelin fala-nos da perversão, da perversão da educação, da perversão sexual, da perversão das palavras A cidade encheu-se de ratos; a perversão está na base da pirâmide: as crianças, a pedofilia*”<sup>8</sup>;

- “*No museu da cidade de Hamelin, situada na Baixa Saxônia, às margens do Rio Weser, existem 350 livros sobre a provável existência do Flautista. Descrito como homem elegante de uns 30 anos, vestido com uma roupa cheia de cores e que, ao tocar sua flauta de prata, era capaz “por via de um secreto encanto, de guiar tudo o que vive sob o sol, e que rasteja, ou anda ou corre ou pula ou nada ou então voeja”. Tudo se especula. A lenda traz todos os anos a Hamelin cerca de 200.000 turistas e milhões de euros para os cofres da cidade. Vendem-se roedores feitos de doces e chocolates. Um restaurante local serve “Rabos de rato flambé”, na verdade, fatias de porco flambadas. Como acompanhamento, uma aguardente chamada “Mata-ratos”*”<sup>9</sup>.

Além das curiosidades descritas acima em torno do conto, encontramos diversos detalhes diferentes sobre a história. Há uma versão, por exemplo, que narra o episódio do

---

<sup>5</sup> Fonte: [www.geocities.com/slprometheus/html/news9.htm](http://www.geocities.com/slprometheus/html/news9.htm) - 22k. Acesso em 19/10/2007.

<sup>6</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamelin\\_\(Alemanha\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamelin_(Alemanha)). Acesso em: 20/10/2007.

<sup>7</sup> Fonte: <http://tempore.blogspot.com/2005/11/flautista-de-hamelin.html>. Acesso em: 20/10/2007.

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.artistasunidos.pt/hamelin.html>. Acesso em: 20/10/2007.

<sup>9</sup> Fonte: [http://www.lendoeaprendendo.sp.gov.br/2006/Modulo/ver\\_Livro.asp?OPCAO=GTI0002370](http://www.lendoeaprendendo.sp.gov.br/2006/Modulo/ver_Livro.asp?OPCAO=GTI0002370). Acesso em: 22/10/2007.

Flautista conduzindo os ratos não para um lago (onde morrem afogados), mas sim para dentro de um grande queijo, onde desaparecem para sempre<sup>10</sup>. Outras variações também dão conta da existência de um menino aleijado que não pôde acompanhar a música hipnótica<sup>11</sup>...

Diante do exposto, arriscamos dizer que, mais importante do que verificar se o conto *O Flautista de Hamelin* ficcionaliza algum episódio histórico, transfigurando o real em narrativas que lançam mão de fartos recursos do campo do fantástico, é saber que não há uma divisão tão nítida entre o mundo fantasioso das crianças e o mundo realista dos adultos. Sendo assim, a fantasia e o inverossímil *caem como luvas* no gosto dos leitores.

### **Explorando o conto/atividade prática**

Recorrendo à idéia de que o hábito de leitura se processa por estágios e é anterior à alfabetização, despertar nas crianças o gosto pelos livros sempre foi o nosso maior propósito como professoras na área de Educação Infantil. Assim, ao apresentar uma história para os alunos, procurávamos romper com o monólogo, valorizar a reflexão, bem como partilhar experiências, estabelecendo, dessa maneira, um vínculo entre as crianças e a narrativa.

Da mesma forma, ouvir as vivências dos alunos, falar sobre elas e relacioná-las à história apresentada, torna-se fundamental para o desenvolvimento da estruturação das formas de pensar e de se expressar. Mais: a exploração das histórias (em forma de perguntas orais) oportuniza aos alunos expressarem - frente aos outros - suas emoções vividas, bem como o seu gosto por determinadas manifestações culturais em detrimento de outras.

A atividade realizada<sup>12</sup> em torno da história do conto *O Flautista de Hamelin* teve início com a presença de um globo terrestre que levamos até os alunos para lhes mostrar onde ficava a Alemanha. Conversamos um pouco sobre como era o país onde se passou a história, explicando, por exemplo, que, quando era verão aqui, lá era inverno, que nevava muito, etc. Levamos também uma flauta para mostrar a eles como era o instrumento que aparece na história e, claro, todos experimentaram soprá-la...

---

<sup>10</sup> Fonte: [www.reyespiratas.com/el\\_flautista\\_de\\_hamelin.htm](http://www.reyespiratas.com/el_flautista_de_hamelin.htm). Acesso em 27/10/2007.

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.dobrasdaleitura.com/revisao/flautamagica.html>. Acesso em: 28/10/2007.

<sup>12</sup> Realizamos a mesma atividade, cada uma com a sua turma de Jardim.

Com apenas esses recursos (o globo e a flauta), foi possível verificar o quanto essas crianças de classes populares sentiram-se estimuladas e valorizadas, somente pelo fato de notarem a nossa preocupação em motivá-las usando uma forma mais lúdica para aproximá-los da história.

Ao selecionar a versão do conto *O Flautista de Hamelin*, procuramos apresentar uma com um *final feliz*. Na história “original”, as crianças nunca mais retornam depois que saem atrás do Flautista. Como, geralmente, os contos de fadas trazem mensagens *positivas* contra as dificuldades (inevitáveis) da vida e também por achar que os nossos alunos eram muito pequenos para conhecerem uma narrativa com um final “dramático”, optamos pela versão da história da escritora Tatiana Belinky. O livro cita Robert Browning como autor “original” e esta versão é de 1997.

A versão de Tatiana Belinky, além de repleta de detalhes, diferentemente da história “original”, termina com o Flautista trazendo as crianças de volta e recebendo a sua recompensa: uma bolsa de dinheiro, mostrando um desfecho feliz. Bettelheim (1980) contextualiza melhor esse enfoque ao ressaltar que, quando a criança se identifica com o herói da narrativa, transfere-se também a ela uma esperança de que os problemas têm solução, assim como as angústias, temores e inseguranças diante do mundo e de suas próprias experiências. No final da história, os heróis voltam à realidade, semelhante à vida cotidiana, através da qual a criança aprende a dominar sua vida e lidar com os seus próprios sentimentos.

Ao mostrar que os contos sempre têm um final feliz e *otimista*, cuja evidência é expressa no termo “e viveram felizes para sempre”, *conforta-se* a criança, a qual crê que tudo pode ser superado e que, no final, a felicidade prevalece. Em face dessa questão, torna-se possível evidenciar que: “uma criança confia no que o conto diz, porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”. (BETTELHEIM, 1980, p.59).

Dessa forma, percebe-se que a criança necessita da magia e do lúdico para compreender o mundo que a cerca, pois o *ouvir história* se torna um meio para que ela possa entender o que se passa à sua volta, entender as características e necessidades da fase de desenvolvimento em que se encontra, bem como lidar com as emoções e os sentimentos que a perturbam e que ainda não consegue definir. Talvez os alunos tenham percebido “um canal de carinho” nessa comunicação. Afinal, sabe-se, carinho não é só afago, nem é só jeito de se pegar a criança no colo; carinho é também expresso pela palavra.

## Perguntas e respostas sobre a história do Flautista

### a) O Flautista era bom ou mau? Por quê?

- *“Era bom, porque ele não tratava ninguém mal”.*
- *“Eu acho que era bom, porque tirou os ratos da cidade.”*
- *“O Flautista era bom, senão ele não ia até a cidade para tirar os ratos dali”.*
- *“Porque ele era mágico, mas ele não devia levar as crianças sem falar com os pais dela (sic!)...”*
- *“Ele era muito legal, e pegou e trouxe as crianças”.*

### b) Se você fosse o Flautista, em vez dos ratos, o que você tiraria/ levaria da sua cidade?

- *“Tirava todos os pobres, dava comida pros pobres...”*
- *“Tirava os ratos e as crianças que até hoje moram debaixo das pontes”.*
- *“Eu tirava os bandidos, os ladrões e as doenças”.*
- *“Eu tirava os monstros”.*
- *“Tirava o meu pai lá de casa”.*

### c) Se o Flautista aparecesse aqui, para onde você gostaria que ele o levasse?

- *“Gostaria que ele me levasse para um parque”.*
- *“Gostaria que levasse para o parque mais legal do mundo onde tivesse ‘etês` e dinossauros”.*
- *“Gostaria que o Flautista me levasse para ver os Power Rangers”.*
- *“Querida que ele me levasse pra outra casa, não! Prum castelo!”*
- *“Eu queria ir junto com o Flautista...”*

### d) Vocês mudariam alguma coisa na história? O quê? Dariam outro fim para a história? Qual?

- *“Eu tocava uma flauta para que as crianças não trabalhassem, para estudar e para serem muito felizes.”*
- *“Um final com pessoas dançando com muito dinheiro e roupas bonitas”.*
- *“Levaria todos os ‘do mal` para bem longe, deixava só os ‘do bem` num castelo.”*
- *“Tinha que terminar a história com o Flautista indo a uma casa mal assombrada para espantar todos os fantasmas”.*
- *“Todo mundo tocando flauta igual o Flautista, todo mundo mágico”.*

## Algumas análises a partir das respostas dos alunos

Antes de dar início às considerações dos alunos diante das perguntas elaboradas, uma ressalva: selecionamos<sup>13</sup>, nesse artigo, apenas cinco respostas para cada questionamento a fim de evitar repetições, (já que muitas crianças se expressaram da mesma maneira, com opiniões semelhantes) e, embora a amostragem seja pequena, é possível observar o quanto ela é representativa.

A respeito da primeira pergunta, “O Flautista era bom ou mau? Por quê?” observa-se que apenas uma criança fez algum tipo de ressalva, digamos assim, em relação à bondade do Flautista. A afirmação “*mas ele não devia levar as crianças sem falar com os pais dela (sic!)*”... mostra a preocupação do aluno com os adultos, com o sentimento destes ao perceberem que seus filhos, na história, haviam desaparecido. Uma resposta como a dessa criança, acreditamos, pode ser útil para desencadear conversas e reflexões em aula sobre temas cotidianos (tais como a obediência, por exemplo) que fazem parte da vida, da rotina dos alunos, pois

Ao opinar, julgar, escolher, considerar, classificar e coordenar diferentes formas de pensamento e ações das personagens compreende-se que as histórias favorecem, aos poucos, que a criança tome consciência dos seus pontos de vista, o que contribui para que ela vá percebendo também o ponto de vista de outras pessoas. Ao trocar informações com seus pares, a criança inicia um processo de discussão, em que busca a compreensão do pensamento do outro, ao mesmo tempo, em que tenta se fazer compreender (LEARDINI, 2006, p.48).

O segundo questionamento, de acordo com o que foi dito pelas crianças, aponta para preocupações ambientais (“*tirava os ratos e as crianças que moram debaixo das pontes*”), além da preocupação com a violência (“*tirava os bandidos, os ladrões*”), com a saúde (“*tirava as doenças*”), bem como com problemas sociais (quase todos afirmaram que “*tiravam os pobres*”). Interessa pontuar o que um aluno falou sobre quem ele tiraria da cidade se fosse o Flautista: “*tirava o meu pai lá de casa*”. Especificamente sobre esse menino, a escola (professores e direção) já conhecia os problemas que ele vivenciava: O pai, além de alcoólatra, já havia agredido a mãe dessa criança. Ao manifestar seu desejo de ver o pai longe, vários colegas perguntaram em coro: “*Por quê?*”. A resposta do aluno foi clara e objetiva: “*Porque eu não gosto dele, ué!*”. Registre-se aqui a expressão de alívio quando ele disse que gostaria de tirar o seu pai de casa... Nesse sentido, ao abrir um espaço para conversas e perguntas a partir da história narrada, abre-se também um espaço para que as crianças possam resolver situações problemáticas através da fantasia,

---

<sup>13</sup> No total eram 39 alunos (21 crianças em uma turma e 18 em outra).

atendendo às características próprias do seu pensamento mágico (AGUIAR, 2001). Nesse sentido, Aguiar afirma que

A magia e o encanto que os contos de fadas transmitem até hoje estão no fato de que eles não falam à vida real, mas à vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis ou imagináveis. Os exageros fantásticos, como ficar preso numa garrafa por séculos, dão aos contos veracidade psicológica, enquanto que explicações realistas podem parecer mentirosas na ótica infantil, embora sejam verdadeiras mesmo. Porque trabalham com uma linguagem simbólica, os contos não se prendem à contingência do real e veiculam mais de uma significação. Assim, a criança encontra na literatura respostas às questões vividas e às dúvidas típicas de sua faixa etária. (De onde vem? Quem imitar? É filho legítimo ou não?...) (AGUIAR, 2001, p. 80-81).

Ainda em relação ao aluno referido, quando foi perguntado à turma para onde queriam que o Flautista os levasse, ele foi o único que não se posicionou, como todos os outros, por um lugar específico (“*para o parque*”, “*para ver os Power Rangers*”, “*prum castelo*”, etc.), só disse que “*queria ir junto com o Flautista*”... expressando assim, talvez, o seu desejo de fuga como resolução diante dos seus conflitos interiores.

Por último, quanto aos questionamentos “*Vocês mudariam alguma coisa na história? O quê? Dariam outro fim para a história? Qual?*”, é possível observar o quanto as crianças anseiam por finais felizes, por soluções satisfatórias e vitória sobre os obstáculos. Arriscamos dizer que os pequenos leitores, ao vivenciarem o caminho das personagens, entendem de forma simbólica que eles também são capazes de vencer seus medos interiores e, mais especificamente, sobre a temática “final feliz”...

### **Histórias Infantis a serviço de lições de moral: Aspectos gerais**

Sabe-se que o ato de contar histórias encontra-se presente em nosso cotidiano e que, de geração a geração, tem como objetivo maior encantar crianças e adultos através da magia que ele representa. Tanto os *gêneros literários* como as *origens das histórias* são diversos e variam em relação ao tempo de sua criação. No entanto, em geral, eles possuem a mesma essência; a saber: a imaginação e o desejo de encontrar respostas para alguns dilemas humanos, tais como o medo, a alegria, a angústia, as perdas, entre outros.

Se pensarmos na época da versão antiga da história *O Flautista de Hamelin*, tendo em vista o fato de que ela, conforme já mencionado no presente trabalho, remonta à Idade Média, constata-se que não havia – naquele tempo - nenhuma pretensão com

qualquer tipo de preceitos morais. As histórias, durante essa época, resumiam-se a narrativas com enredos adultos e não eram destinadas às crianças; eram, isto sim,

criações populares, feitas por artistas anônimos do povo mas que sobreviveram e se espalharam por toda a parte graças à memória e à habilidade narrativa de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo história. (MACHADO, 2002, p. 69).

Conforme Leardini (2006), a literatura destinada às crianças, levando-se em consideração as transformações sociais e culturais, surgiu como gênero específico em meados do século XVII, época em que houve mudanças na estrutura da sociedade européia, com a ascensão da família burguesa. Assim, a Literatura Infantil emergiu e associou-se, nesse contexto, a uma função utilitário-pedagógica, já que as histórias eram produzidas para se converterem em divulgadoras dos novos ideais burgueses. Nesse sentido, por meio da adaptação dos clássicos e dos contos de fadas, a idéia era a de aproximar a criança (tida até então como um “adulto em miniatura”) a um mundo repleto de atitudes e valores considerados importantes para a vida adulta.

Vale lembrar ainda que, devido à expansão da tipografia no século XVII, cresceu a produção de livros, e a escola assumiu a responsabilidade pela ligação entre a criança e a Literatura. Especificamente no Brasil, a Literatura Infantil surgiu no século XIX, diante do reconhecimento da necessidade de uma produção dirigida propriamente às crianças. Conforme as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilbermann (1999), as primeiras obras dedicadas à infância eram adaptadas e/ou traduzidas de obras estrangeiras. De cunho ufanista, os livros infantis procuravam enaltecer a natureza, os costumes, a língua, a pátria e a sociedade brasileira. Em resumo:

No momento em que se reorganizou a escola, para que a mesma atendessem às novas exigências sociais, repensaram-se também todos os produtos culturais destinados à infância e, entre eles, em especial, o livro. A Literatura Infantil surge, pois, comprometida com um destinatário específico, a criança, quando ela passa a ocupar lugar de destaque no cenário familiar. Gênero novo, o texto literário infantil alia-se à educação e, conseqüentemente, à transmissão de valores da sociedade capitalista. Tem, portanto, por objetivo criar modelos satisfatórios que, uma vez absorvidos pelo leitor, venham a torná-lo um adulto adaptado ao meio em que vive (AGUIAR, 1998, p.95).

A partir dessas reflexões, evidencia-se o importante papel da Literatura Infantil como recurso pedagógico disponível aos professores para atingir fins pedagógicos e/ou moralizantes. E este é, sem dúvida, um tema polêmico. Alguns autores defendem a idéia de que esse gênero literário não deva

‘servir para alguma coisa’: leio para as crianças desenharem a história, leio para representar a história, leio para saber como é que vive o dinossauro. Não! Devemos ler pelo prazer que esta atividade proporciona, pela importância que a literatura pode ter, enquanto arte, nas nossas vidas. Esta já é uma excelente razão para trabalharmos com a literatura na Educação Infantil (KAERCHER, 2001, p. 86).

Azevedo (2007) nos lembra que a Literatura Infantil costuma tratar de assuntos, subjetivos por princípio, sobre os quais não tem cabimento dar aula: a paixão, a morte, a busca do autoconhecimento, a amizade, a alegria, os afetos, as perdas, o desconhecido, o imensurável (o gosto, o prazer, o amor, a beleza etc.), a busca da felicidade, a astúcia, o medo, o artil, os sonhos, a dupla existência da verdade, a relatividade das coisas, a injustiça, o interesse pessoal versus o coletivo, o livre arbítrio, a passagem inexorável do tempo, o paradoxal, o conflito entre o velho e o novo, etc.

Em um outro enfoque, os estudos realizados por Oliveira (1994) demonstram a importância e a preocupação de uma ação pedagógica voltada para a educação dos valores, utilizando a Literatura Infantil como uma alternativa para desencadear o desenvolvimento da moralidade infantil em crianças com idade pré-escolar no processo de aprendizagem. A autora acima citada propõe um trabalho pedagógico com vistas à construção da autonomia, cabendo à escola propiciar um ambiente com base na troca de informações, no diálogo, na autonomia e na reflexão crítica.

Nessa direção, arriscamos dizer que contar e explorar histórias na Educação Infantil propicia oportunidades para que as crianças possam analisar as ações e atitudes dos personagens, refletindo sobre valores importantes para o convívio social, tais como as noções de justiça, ética, entre outros. Quando trabalhamos com os alunos o conto *O Flautista de Hamelin*, por exemplo, notamos que as crianças acharam “normal” e justo o personagem da história ter se vingado do prefeito da cidade levando as crianças para longe por não ter recebido o dinheiro prometido...

Especificamente sobre o “levar as crianças para longe” na história do Flautista, Corso & Corso (2006) assim analisam:

Existem momentos em que queremos que nossos filhos sumam, que vacilamos se foi uma boa idéia tê-los tido. Esse pequeno conto dá vazão às fantasias que nos percorrem a respeito do nosso desejo, muitas vezes ambivalente, pelos filhos. São os momentos quando os pais pensam o quanto os filhos podem ser um peso na sua vida. Mas esse conto fala a ambos: às crianças, por terem uma intuição de que podem ser o peso; e aos pais, para poderem pensar como seria enfrentar essa cidade (casa) vazia. (Idem, p.50).

Está claro que a citação acima se refere ao conto “original”, que termina, conforme já exposto aqui, com um final diferente do que o da versão da autora Tatiana Belinky. A esse respeito, interessa pontuar a visão e a análise psicanalítica dos mesmos autores, ao fazerem uma analogia sobre o comportamento dos pais de hoje e os da história:

Os pais têm dificuldade de responder como seria a sua vida sem os filhos. Certamente seria mais fácil, mais barata, com mais tempo para eles, mas ficariam como a cidade de Hamelin, chorando pelas crianças que se foram ou que não tiveram. Ter filhos não é um bem universal inquestionável, é cada vez mais, para a sorte de todos, uma escolha. Relançar o desejo herdado dos pais na geração seguinte sempre foi o destino da humanidade, pagamos o que os nossos pais investiram em nós na próxima geração que, por sua vez, vai pagar tendo filhos e assim sucessivamente. Acreditamos que é este pagamento que o prefeito de Hamelin interrompeu e, por isso, as crianças sumiram. Talvez hoje a pressão por ter filhos não esteja tão forte como uma imposição social, e existem outras formas de pagar aos pais por nos fazerem existir. (Corso & Corso, 2006, p. 51).

Por fim, retomando a atividade de contação, torna-se inevitável concordar com a extrema relevância de se abrir um espaço para conversas na *Hora da História*. A idéia é oportunizar uma reflexão sobre as atitudes dos personagens, tendo em vista que esse momento específico da rotina diária das classes de Educação Infantil apresenta, em sua dinâmica, uma atividade significativa e propícia para auxiliar a construção de uma moralidade autônoma pelas crianças.

### **Algumas considerações**

Contar histórias a partir de situações comuns é uma atividade habitual, principalmente quando algumas são significativas para quem as ouviu. Segundo Leardini (2006), quando este fato acontece, é também comum a pessoa recontar a história com o objetivo de compartilhar seus sentimentos com outras pessoas, procurando, em geral, ser

fiel à versão inicial, mas, mesmo sem querer (ou quiçá propositadamente), acaba, muitas vezes, modificando-a ou negligenciando algum fato ou situação. Essa forma de contar histórias é milenar e foi em função dessa atividade que se tornou possível o surgimento da narrativa. Machado (1994, p.12) ressalta que “exatamente por estar tão ligado à vida, o ato de narrar, de contar e recontar tornou-se um impulso natural do ser humano”.

Procuramos mostrar no presente trabalho que, ao propiciar situações e momentos em que as crianças possam emitir juízos e trocar pontos de vista com outros colegas e com o professor/contador de histórias, o educador estará propiciando e favorecendo a elaboração de novas organizações mentais pelas crianças por meio de um trabalho efetivo com as histórias infantis. Em outras palavras, essa dinâmica da exploração das narrativas através de questionamentos e conversas sobre a história, conforme demonstrado através do conto *O Flautista de Hamelin*, podem mobilizar sensações e afetos significativos para as crianças.

Ao ouvir histórias os alunos podem sorrir, rir, gargalhar ou chorar com as situações vividas pelas personagens, considerando-se inclusive *cúmplices* desses momentos. Mais: Ouvindo histórias é possível o esclarecimento de suas próprias dificuldades e soluções na medida em que a riqueza das ações vivenciadas pelos diferentes personagens - somada à possibilidade da existência de um mundo variado e fantástico, convivendo lado a lado com o imaginário infantil - ajuda os pequenos a refletirem sobre a existência de temperamentos e atitudes variadas. E isso lhes proporciona ainda a oportunidade de emitir/conhecer juízos de valor que ainda não estão claros para eles mesmos.

Assim, a intenção é que as crianças possam analisar certo dilema que implique, por exemplo, conflitos morais, e que elas possam emitir juízos morais sobre os contextos sociais e interpessoais. Utilizando tal dinâmica com os alunos no contexto escolar da Educação Infantil, é possível constatar que

Após contar o dilema, e a criança refletir individualmente sobre este, ela apresenta seu ponto de vista, e o educador ou as outras crianças contra-argumentam, dando início a um processo de reflexão. Esses dilemas podem ser reais, relatando algo que aconteceu, que pertence ao universo da criança, ou que seja hipotético. É importante que os dilemas propiciem o estabelecimento de relações entre o conflito moral dentro do qual o sujeito vai emitir um juízo, com o contexto social interpessoal em que tem lugar esse conflito. Isso permite ao educador ir analisando e compreendendo como as crianças vão dissociando, desenvolvendo e coordenando aspectos que a princípio não haviam sido

considerados ou que eram mantidos ainda indissociados a outros, aos que conferia maior significação. (VINHA, 1997, p.703).

Através do prazer ou das emoções que as histórias proporcionam, o simbolismo, implícito nas tramas e personagens, age no inconsciente. Dessa maneira, ajuda-se às crianças a, pouco a pouco, resolverem os conflitos interiores que normalmente vivem. Os significados simbólicos dos contos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional, e a Literatura Infantil, então, - e principalmente os contos de fadas - pode ser decisiva para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo a sua volta.

As diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e bonitos, poderosos e fracos, justos ou injustos, facilitam à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Através desses valores, a criança irá se identificar com heróis e heroínas e será levada a resolver sua própria situação, superando o medo que a inibe e enfrentando os perigos e ameaças que sente ao seu redor.

Enfim, a vitória sobre os obstáculos, marcada por uma solução satisfatória, oportuniza os pequenos leitores, (ao vivenciarem o caminho das personagens) a entenderem de forma simbólica que eles também são capazes de vencer seus medos interiores. Talvez por isso, mesmo em meio à rapidez do mundo moderno, em meio a tantas tecnologias que vão surgindo em uma escala infundável de novidades, a Literatura Infantil, com suas velhas e novas histórias, continue a ter um lugar de destaque no imaginário da criança.

Concluindo, ressaltamos que, para além das discussões sobre lições de moral contidas na história aqui analisada – O FLAUTISTA DE HAMELIN –, interessa pontuar o que a leitura desse conto permite suscitar em cada um de nós: Por exemplo, o de imaginar que nos dias de hoje também pudesse surgir, como na narrativa, um Flautista... que, utilizando apenas de um instrumento musical e entoando uma mágica e envolvente melodia, levasse para bem longe todos os nossos medos, angústias e preocupações. Afinal, também acreditamos que os Contos de Fadas nos permitem justamente isso: acalantar o desejo otimista de que “é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro” (MACHADO, 2002, p.80).

## **Referências**

- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- AGUIAR, Vera Teixeira (org.). *Às voltas com a Literatura Infantil. Era uma vez... na escola. Formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura Infantil. Presença Pedagógica*, v.4, n.21, mai./jun., 1998.
- AZEVEDO, Ricardo. *Livros para crianças e literatura infantil: convergências e dissonâncias*. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/artignew01.htm>. Acesso: 22/11/2007.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CANTON, Kátia. *E o príncipe dançou...* São Paulo: Ática, 1994.
- CORSO, Diana. & Mario Corso. *Fadas no Divã: Psicanálises nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DARNTON, R. (1986). *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal.
- DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à infância cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Educação – FAGED/UFRGS, 1996.
- KAERCHER, Gládis Elise. *E por falar em literatura... Educação Infantil - pra que te quero?*. CRAIDY Carmem & KAERCHER, Gládis Elise (org.). Porto Alegre: Artmed, 2001.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças. Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1999.
- LEARDINI, Eleusa Maria Ferreira. *O contar histórias na educação infantil: um estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica*. Dissertação de Mestrado. Campinas (SP): Programa de Pós Graduação em Educação. UNICAMP, 2006.
- LOPES, Jader Janer Moreira e Vasconcellos, Tânia de. *Geografia da Infância: territorialidades Infantis*. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.103-127, Jan/Jun 2006. Disponível em: [http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop\\_vasc.htm](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.htm). Acesso em: 20/11/2007.
- MACHADO, Ana Maria. *Clássicos, crianças e jovens. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MACHADO, Irene A. *Conteúdos e Metodologia de Língua Portuguesa – Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral*. Scipione: São Paulo, 1994.
- OLIVEIRA, Áurea Maria de. *Literatura Infantil e desenvolvimento moral: a construção da noção de justiça em crianças pré-escolares*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1994.
- VINHA, Telma Pileggi. *O educador e a Moralidade Infantil numa perspectiva construtivista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.